

Uma excursão pelo deserto de Taklamakan

por SUNG CHEN-HOU

Entre as valiosas informações colhidas no âmago do grande enigma, o deserto de Taklamakan, no noroeste da região autônoma de Sinkiang Uighur na China, estão notícias de uma pequena aldeia de cêrca de 50 habitantes, que até 1953 desconheciam outro lugar além daquele. Em Uighur, "Taklamakan" quer dizer "Entra e nunca conseguirás sair".

As notícias a respeito desta aldeia e outras descobertas foram trazidas ao conhecimento público através de 10 especialistas pertencentes ao Grupo de Contrôle da Areia da Academia de Ciências da China, que voltaram recentemente de uma expedição pelo deserto. A pequena expedição que se compôs de especialistas em geologia, topografia, botânica, hidrologia, pedologia e silvicultura penetrou até o âmago deste grande deserto que até a libertação sempre se associou na mente humana a uma idéia de profunda desolação e morte.

É bem conhecida no local a história do viajante sueco SVEN HEDIN, que no fim do século passado, completamente exausto, conseguiu ainda retirar do deserto os corpos de seus companheiros. Muitas outras histórias sem base segura foram criadas acêrca do indomável

Taklamakan que desafiou todo e qualquer esforço do passado em explorá-lo.

No fim do ano passado, porém, cientistas chineses viajaram mais de 400 milhas e trabalharam por um mês no Taklamakan. Realizaram o levantamento de caminhos e fizeram o levantamento em secções de certas regiões na parte central do grande deserto, ao longo do rio Keriya, abrindo assim caminho para os que continuarão este trabalho numa escala ainda maior. O objetivo final foi a localização dos recursos do solo e água para desenvolver novas regiões agriculturáveis.

Trabalhando sob condições como a da rápida queda de temperatura que de 45°C chega a bem abaixo de zero, de uma elevação da mesma amplitude, do aspecto freqüente das nuvens negras e carregadas, dos ventos que levantam grandes nuvens de areia, atingindo as faces e as mãos como flechas, da sede cruciante, a expedição atingiu o âmago do deserto. Eles obtiveram dados científicos sôbre os recursos de água subterrânea, as propriedades dos diversos horizontes do solo, o crescimento dos sistemas radiais das plantas psamofíticas e as leis que regem o movimento das tempestades de areia.



Fig. 1 — Os vestígios visíveis da antiga cidade de Karataunk.

(Foto do autor)

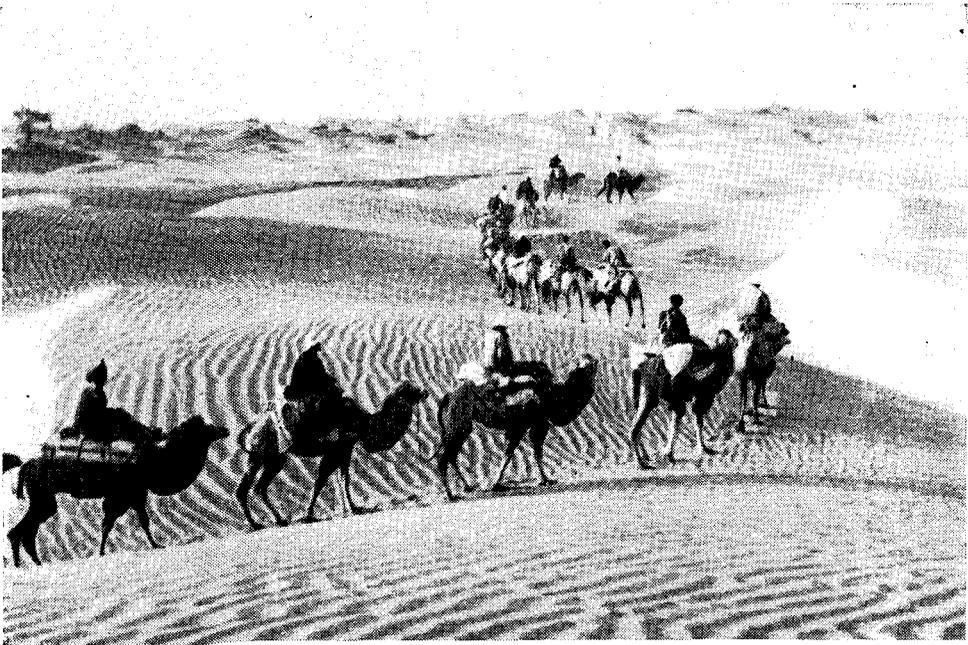


Fig. 2 — *Viajando de camelo em direção ao âmago do deserto de Taklamakan.*

(Foto do autor)

Partindo da pequena e antiga cidade de Keriya, cêrca do ponto central da margem sul do deserto, o grupo de inspeção rumou em direção norte. Por 4 dias êles seguiram o rio até que êste foi gradualmente desaparecendo na areia. Do lado leste dêste trecho do deserto uma faixa contínua de dunas de uns 70 a 80 metros forma uma barreira natural contra o violento vento rijo de nordeste. Na margem oeste, há um vale onde cresce com exuberância o junco, o cânhamo selvagem, plantas com glicerina, a tamargueira, e o choupo. Recentemente foram construídas três grandes reprêsas e valas para irrigação que se estendem por 10 milhas e foram recuperados cêrca de 1 340 hectares de terra por uma fôrça de trabalho de mais de 1 000 pessoas da Comunidade Vanguarda da unidade administrativa do Keriya. Em algumas das terras recuperadas já está crescendo trigo tenro e verde. Já se encontram em operação olarias, pequenos fornos siderúrgicos e oficinas para processar a glicerina e o álcalis do cânhamo selvagem e do choupo. Constroem-se habitações, escolas e creches.

Souberam os cientistas que data de poucos meses a fixação neste local. Em fevereiro último o primeiro secretário do Comitê do Partido da Unidade Administrativa de Keriya chefiou 12 elementos do quadro da comuna pelo deserto montados em mula, e encontrou lugares em que o junco crescia em pân-

tano. “Desde que haja água e terra, as culturas podem crescer” — disse êle. “E veja o que se tem feito com as próprias mãos!”

Descobriu-se também uma velha aldeia enterrada e os vestígios de uma antiga cidade. Após 8 dias de viagem de camelo, descobriram, escondida por uma extensão de terra coberta por floresta, a pequena aldeia de Telimu, habitada por 12 famílias. O cidadão mais velho de Telimu é ARMANRHON, com 80 anos de idade que não lembra ter tido esta aldeia praticamente contato algum com o mundo exterior até 1953, quando, por acaso, entraram nesta floresta 2 estranhos uniformizados. Através dêstes 2 elementos do novo governo as pessoas de lá tomaram conhecimento de algumas das grandes mudanças efetuadas no resto da nação. Uma unidade de comércio trouxe roupas, farinha, legumes, frutas e outras mercadorias de consumo. Vieram veterinários para examinar o gado ovino e bovino. Em 1959 a aldeia tornou-se um centro de produção da pecuária e com a ajuda desta, construíram-se novas casas e foi instalada uma ferraria. A população local cavou novos poços, construiu reprêsas e valas, e expandiu sua plantação florestal e pastagens. Atualmente a pequena aldeia tem 6 000 cabeças de gado. Em 1960, recuperaram cêrca de 16 acres de terra, e pela primeira vez na vida, viram trigo e aprenderam a plantá-lo.

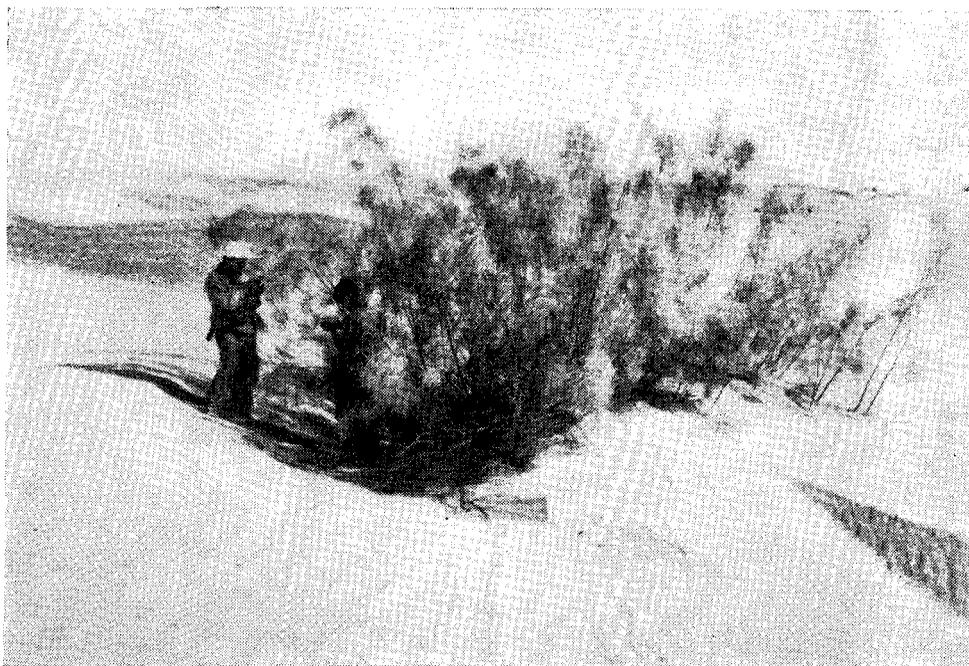


Fig. 3 — Botânicos anotando observações sobre as tamargueiras que encontraram crescendo no deserto.

(Foto do autor)

Algumas milhas para o norte pelo deserto adentro levou os exploradores ao local da antiga cidade de Karataunk. De acordo com o que explicou o guia, estas e outras cidades foram enterradas pelas dunas que as cercam e que se movem pela ação dos ventos.

Os vestígios visíveis de Karataunk mostram que a cidade teve uma forma circular. Vêem-se ainda troncos secos de tamargueiras e choupos. Pesquisas posteriores levaram à descoberta de juncos secos e várias grammas altas, mantendo assim a lenda de que 300 anos atrás a cidade se localizou às margens de um curso d'água que deve ter secado e sido coberto por estas areias que se movem.

A um dia de viagem para o sudeste de Karataunk os cientistas descobriram vários pântanos e lagos como se fossem pérolas caídas a esmo pela areia. Arbustos e juncos cresciam às suas margens e camelos selvagens, gazelas da Mongólia, coelhos e várias espécies de pássaros tinham feito ali o seu lugar de pouso. Os cientistas acreditam que as numerosas correntes que fluem das geleiras na cadeia de Kwunlun, depois de sua longa jornada, parte da qual é subterrânea, podem se juntar sob esta parte central do Taklamakan. Parte desta água ressurgue e forma os pântanos. Estes sinais de vida despertam o interesse do homem na sua eterna tentativa de arrebatá-la à natureza, plantando cinturões verdes e transformando as vastidões do deserto.